Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

XXVI Volume — 10 de Maio de 1903 — N. 877

ALMEIDA GARRETT

O grande poeta nasceu quando devia de nascer, em plena revolução, elle que devia de ser um dos mais puros e ardentes revolucionarios em Portugal, na terra que tanto amou.

Pela patria soffreu e pelas idéas, que tanto lhe fizeram pulsar o coração em arroubos que o sagraram poeta.

Seu espirito irrequieto tinha azas de poderosa envergadura. Não o subiram ao sol, levaram-o ao exilio. Bemdita seja a sua dôr fecunda e quanto por lá padeceu, quando memorias da patria o faziam invocar a Saudade para musa inspiradora.

Novo, muito novo, entre as brumas do norte, sonhava com o céu de Portugal. Foi com seu coração que elle escreveu a *D. Branca* e o *Camões*.

Sempre sedusido pelo mesmo ideal, desembarcou com Alexandre Herculano na praia do Mindello, e assim o que havia de ser seu rival em glorias litterarias foi seu companheiro d'armas nos longos dias do cêrco do Porto.

O mesmo templo hoje os abriga, o philosopho e o poeta, os dois maiores vultos d'aquelles tempos, as mais preciosas glorias da nossa litteratura moderna.

Que importavam novos padecimentos? Que importava que lá fóra a artilharia incessante troasse? Continuava Garrett a estudar, a trabalhar, indo buscar á velha historia da nossa terra motivo para mais exaltal-a, motivo para accrescentar sua fama propria.

Foi assim, de ouvido álerta para os toques de clarins, com a espingarda á mão, prompto a marchar á primeira ordem, que elle escreveu seu famoso romance *O Arco de Sant'Anna*.

A febre de trabalhar era sempre a mesma. Não o deixaria descançar em toda a vida. Muito creança começou a alinhar medrosamente seus primeiros versos; já, de cama, soffrendo a doença que havia de leval-o, ainda seu lapis corria no papel traçando os capitulos de seu romance incompleto, *Helena*

Que vida cheia teve Garrett! Mas em suas differentes missões, no meio dos maiores trabalhos, estudante ou soldado, diplomata, deputado, par do reino ou ministro, seu ardente patriotismo e seu espirito enthusiasta de poeta não o abandonam; elle revoluciona a litteratura, elle reforma o theatro.

E é sempre a historia patria que mais o atrahe; é nas paginas das velhas chronicas que elle bebe a inspiração; e os antigos heroes resurgem, idealisados, luminosos.

Na obra prima que se chama *Viagens na minha terra* todo o amor patrio de Almeida Garrett se revela em cada uma de suas formosas paginas. O coração do poeta vibra intensamente perante as ruinas que lhe falam á fantasia inquieta e d'onde surgem os fantasmas a que elle vai dar vida outra vez, movimento, alma nova para sentir.

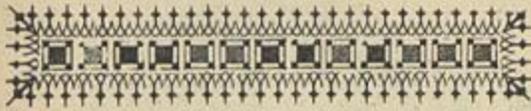
Esse livro e o *Frei Luiz de Sousa*, de que já se disse tanto e ainda tanto falta para dizer, seriam sufficientes para a gloria immortal d'aquelle que hoje dorme no Pantheon dos Jeronymos, perto do companheiro Alexandre Herculano, ao lado de Vasco da Gama cantado por Luiz de Camões que o foi por Almeida Garrett, ao lado d'este que foi um genio e faz espantar as gerações, ao lado do ternissimo João de Deus, o que melhor entendeu e fez vibrar a alma portugueza.

Portuguez de lei eram todos elles; Garrett foi honral-os com sua companhia.

Muito lhe deve a nação; sua divida ainda lh'a não pagou por completo. Tel-o-ha feito quando o ler, quando o houver percebido, quando lhe houver seguido seu conselho.

O santo de que se prega é sempre o maior de todos, diz um velho dictado portuguez. Não basta elogiar o santo; é preciso saber lhe das virtudes. Seja exemplo, seu amor ás nossas coisas, saibamos applaudir os que seguiram, ainda que com menos talento, suas pisadas; respeitemos o que elle respeitou e o nosso preito haverá sido o melhor que tamanho vulto nos merece.

João da Camara.

ALMEIDA GARRETT
QUANDO ESTUDANTE DA UNIVERSIDADE

CHRONICA OCCIDENTAL

Quando o cortejo civico do dia um de maio andou percorrendo as ruas da cidade com seus carros allegoricos, ou quando, dois dias depois, o cadaver de Garrett foi com numeroso acompanhamento levado para o Pantheon dos Jeronymos, quem não cuidaria que em pleno e desabrido inverno tinham sido marcados os dias para taes solemnidades?

Maio que tão cantado foi, vai perdendo muito de seus creditos, e ainda mal. O maio pequenino que é d'elle? Ou fez-se tyranno?

Entretanto os horticultores decidiram não desanimar e andaram bem, porque foi formosissima a exposição de rosas realisada na Avenida.

E' e será sempre a rainha das flores, quer abra as cinco folhas entre silvas d'um vallado, quer, nas mais variadas côres, espalhe nos jardins os perfumes de suas petalas dobradas e redobradas

Podem outras flores ser moda por dias; nenhuma venceu nem pode vencer a rosa, chame-se a rival tulipa ou chrysanto, cravo ou gardenia.

Pois uma tempestade, que o camaroeiro do Arsenal não annunciou cahiu, sobre a perfumada exposição, quando M.me Latelise, viu seus nervos postos em desalinação grave pela decisão do jury.

Pobres florinhas! Sobre os cacos dos vasos as petalas de mil côres, miseravelmente cahindo sobre a lama, ellas que tão orgulhosas sonhavam fallecer gloriosamente em ramos de apaixonados, em corôas de artistas!

Coitadas, não lhes foi dado ver a primavera! Chuva, sempre chuva!

E, para maior illusão, em pleno mez de maio, o theatro D. Amelia, com a casa cheia pela sociedade elegante de Lisboa, deu-nos as annunciadas recitas de Coquelin velho, de Coquelin novo e de Coquelin novissimo.

Nunca tal se vira em maio, e casas cheias, e muitos abafos, e um cheiro a chuva cá fóra que lembrava os velhos janeiros!

Lá por dentro um ou outro nariz torcia-se ás vezes, caraterisando tal qual o tempo cá fóra. Nos intervallos faziam-se considerações, e parallelos, discutia-se Molière, falava-se em tradições do theatro francez.

Unanimes eram, porém, os elogios ao Coquelin velho, o mais glorioso dos actores francezes, idolo velho de auctores mortos, de auctores em plena gloria, de auctores que, ainda por estrear-se, sonham como maior de suas victorias na scena conseguir que o victorioso artista lhes tome conta d'um papel.

Por isso houve doido enthusiasmo no publico quando elle disse os burilados versos de Rostand no Cyrano de Bergerac e acabou de representar *La joie fait peur*, a velha mas sempre deliciosa comedia de M.me de Girandin. Ali é que não podia haver duvida, estava-se em frente d'um grande e verdadeiro artista.

COQUELIN CADET

Outros papeis representou Coquelin entre applausos, muito bem disse o *Cadet* alguns de seus monologos graciosissimos, mas as noites em que se representaram aquellas duas peças são com certeza inolvidaveis.

Tambem o cartaz de D. Maria nos recordou o inverno annunciando para uma mesma noite dois originaes portuguezes: *A Festa da Actriz*, drama n'um acto de Jorge Santos e *Medicina Domestica*, comedia em tres actos de Rafael Ferreira, auctores já conhecidos por outras obras e que com toda a justiça foram applaudidos.

Ainda tivemos portanto um boccado de bom theatro, quando a maior parte das companhias portuguezas só pensam em retirar-se para o Brasil ou para os Açores, deixando o campo livre ás zarzuelas, que, d'esta vez, duas nem menos vêm disputar a concorrencia á companhia estrangeira que, no Colyseu das Portas de Santo Antão, obtem enchentes consecutivas.

Por essas esquinas vão os cartazes de côres berradoras chamar a attenção para a alegre musica hespanhola, cheia de vida, que poderemos todas as noites ouvir no theatro da Trindade e no D. Amelia.

Cantarão por ahi os hespanhoes mais socegadamente do que lá na propria terra onde por causa das eleições tem havido mosquitos por cordas. Como se não bastasse a verdade, que já é triste, visto não faltarem feridos e mortos em refregas, inventaram o suicidio ou assassinio de Salmeron.

Revoluções por um lado e por outro tudo confirmações de tanta paz, que já a gente começa a desconfiar.

Os optimistas só vêem prenuncios da maior tranquillidade futura nos passeios que as testas coroadas andam fazendo pela Europa.

Só a viagem da Rainha Sr.ª D. Amelia é tida á conta de simples beneficio para sua saude abalada. Ultimas noticias, já de Paris, dão a nossa rainha como em via de completo restabelecimento.

O Imperador Guilherme em Italia e Eduardo VII em Paris deram muito mais que fallar.

A visita d'este ultimo á capital da França veio outra vez recordar-nos os festejos que em Lisboa lhe fizeram e a que até muitos francezes se referiram com evidentes ironias. Parece que elles teem geralmente melhor memoria para as desgraças alheias do que para as proprias.

Estas esqueceram-as logo, e Eduardo VII foi tão acclamado em Paris como o foi em Lisboa ou muito mais.

Entretanto, fóra de toda a politica, Portugal inteiro celebrava uma de suas maiores glorias, conduzindo ao Pantheon o cadaver de Almeida Garrett, o grande poeta e dramaturgo.

E para esta homenagem é que não houve recalcitrantes. Lá vimos encorporados no cortejo os representantes de El-rei e das academias e escolas superiores, as associações populares e os collegios e as escolas. Todos aquelle genio que se chamou Garrett soube irmanar durante umas horas.

Pena foi o tempo tão ameaçador se mostrar, o que evitou maior concorrencia ao cortejo civico, ainda assim imponente, que acompanhou as cinzas do poeta desde o cemiterio dos Prazeres até ao templo dos Jeronymos onde foi depositado seu caixão.

Falaram á porta do templo, sendo muito applaudido, o ministro das Obras Publicas, sr. Conde de Paçô Vieira, e o deputado, sr. Antonio Cabral. No interior da egreja falou o sr. Padre Patricio que se houve brilhantemente. Todos os oradores exalçaram as virtudes e o talento do auctor do *Frei Luiz de Sousa*, do *Camões*, da *D. Branca*, das *Viagens na minha terra*.

A homenagem principiada no Conservatorio, estabelecimento fundado por Almeida Garrett, terminou no theatro de D. Maria, como não devia deixar de ser.

Velhos actores e aquelles para quem a arte não é por ora mais do que luminosa esperança, assim vieram juntar seu preito ao da cidade e ao do paiz inteiro, pois que não foi sómente em Lisboa que o nome de Garrett foi n'esse dia glorificado.

E' o que a gente consola de muita injustiça, é ver que, de quando em quando, um espirito de rectidão, de dever a cumprir, sopra de bom lado sobre o publico, ainda, quando mais dementado andou pela intriga, pelas invenções dos estultos e dos invejosos .

Porque é de saber que Garrett soffreu muito e tantos mais quanto é certo que foi um luctador e tinha consciencia de seu valor altissimo. Se era extraordinario seu estro poetico não egualava sua philosophia a de Alexandre Herculano que, no fim da vida, se retirou para Valle de Lobos a cultivar suas oliveiras. Garrett soffreu e soffreu muito, porque era agudissima sua sensibilidade. Agora está vingado.

E foi este acto de justiça, que nos trouxe agora á lembrança a injustiça mais horrivel.

Tem o Dr. Alexandre Braga levantado esta questão e dos apontamentos publicados sobre o processo de Victor Alberto de Freitas Valle a maior das duvidas se ergue pavorosamente em nosso espirito com respeito á responsabilidade d'este desgraçado, preso ha muitos annos, accusado do mais repellente dos crimes.

O odio das turbas é effectivamente muita vez cruel e dementado. A raiva que só devia manifestar-se contra o crime voltou-se contra o primeiro apontado como criminoso. E a policia que é orgulhosa, porque as vaidades são de toda a raça humana, e a justiça que não é de Deus, e cobardias d'uns e mais vaidades d'outros, e ruins paixões e ineptos odios sobre que se baseiam argumentos, quanta vez levam innocentes ao maior dos tormentos, que nem a gente sabe como ha força de resistir-lhes!

Para este infeliz pede-se agora o perdão. Como sôa tristemente esta palavra!

Supplicar perdão quem só devia exigir justiça!

JOÃO DA CAMARA.

ALMEIDA GARRETT

NO PANTHEON DOS JERONYMOS

Devido aos esforços incessantes e tenacissimos da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett* e ao prestigio do seu conselho director composto dos srs. conde de Valenças, Dr. Xavier da Cunha, Francisco Simões Margiochi, Alberto Bessa, Sebastião da Silva Leal e Gabriel Pereira, Portugal acaba de pagar ao genial cantor de *Camões*, ao precioso auctor das *Viagens na minha terra*, ao empolgante dramaturgo que enriqueceu o theatro portuguez com o *Frei Luiz de Sousa*, *O Alfageme de Santarem* a *Filippa de Vilhena*, *Tio Simplicio*, *Sobrinha do marquez*, *Auto de Gil Vicente* e nos legou o famoso romance historico *O Arco de Sant' Anna* e outras obras de vulto no theatro, no romance e na poesia, a divida que tinha em aberto perante a posteridade.

Mais uma vez a iniciativa particular fez um relevantissimo serviço ao paiz, e com tal serviço a *Sociedade Litteraria Almeida Garrett* firmou os seus alicerces no mais solido apoio em que poderia firmal-os: na sympathia e na gratidão da nação.

Coube a iniciativa da propaganda para que aos restos mortaes do visconde de Almeida Garrett, fosse dada sepultura nos Jeronymos, ao distincto escriptor sr. Joaquim d'Araujo, nosso actual consul em Genova, mas, se ao sr. Joaquim d'Araujo cabe o direito de prioridade d'uma ideia que justamente deve orgulhar o cerebro que a concebeu, não deve ser a esta hora menor, nem menos justificativo, o orgulho da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett* e do seu conselho director, por ter conseguido tornar em realidade um pensamento, que não só ergueu o nosso nivel moral no conceito das outras nações civilisadas, mas ainda serviu de exemplo aos de casa do que pode a tenacidade e a dedicação, postas ao serviço d'uma causa sympathica para todo o paiz, qual era a d'essa homenagem que elle vem de prestar a um dos vultos mais grandiosos nas armas, nas lettras e no parlamento, não lhe faltando as amarguras do exilio a glorificar-lhe e a ennobrecer lhe o passado.

A primeira representação que deu entrada no parlamento portuguez pedindo a remoção dos restos mortaes de Almeida Garrett para o Pantheon dos Jeronymos, foi a da cidade de Penafiel, redigida pelo sr. Joaquim de Araujo, e subscripta por setenta e cinco nomes das principaes pessoas da cidade.

A esta seguiram-se as representações das cidades de Angra do Heroismo, Aveiro, Beja, Braga, Coimbra, Elvas, Figueira da Foz, Lamego, Lisboa, Ponta Delgada, Porto, Setubal e Vianna do Castello; e das villas de Almada, Alagôa, Anadia, Baião, Bouças, Cabeceiras de Basto, Caminha, Chaves, Fayal, Loulé, Lourinhã, Mogofores, Paredes, Rio Maior, Serpa, Taboa, Torres Vedras, Vallongo, Villa Nova de Famalicão e Vizella.

No mesmo sentido vieram representações das colonias portuguezas residentes em Paris e em Manaus, e do Atheneu Commercial, do Porto, e Instituto, de Coimbra, sendo a representação do Atheneu redigida pelo distincto escriptor sr. Ramalho Ortigão.

Usaram por vezes da palavra, instando pelo deferimento do pedido expresso n'essas representa-

ções, na camara dos pares o sr. general D. Luiz da Camara Leme, e na dos deputados os srs. Queiroz Ribeiro, Augusto Fuschini e Carlos Pessanha.

Porém nem aquellas nem estes lograram que o pagamento da divida nacional á memoria de Almeida Garrett fosse solvido pelos governos que successivamente se sentaram nas cadeiras do poder.

Mais feliz de que todas essas representações que referimos foi a da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, apresentada na camara dos pares na sessão de 2 de maio de 1902, pelo digno par, e presidente do conselho director d'aquella sociedade, sr. conde de Valenças, que dedicadamente se empenhou para que ella fosse coroada de bom exito.

S. Ex.ª depois de justificar e defender n'uma oração vibrante a representação alludida, apresentou a seguinte

MOÇÃO (*)

A camara convida o governo a decretar que os restos mortaes do insigne visconde d'Almeida Garrett sejam trasladados para o Pantheon dos Jeronymos, e que o dia em que se realisar aquelle acto solemne seja considerado de festa nacional.

Em seguida á apresentação d'esta moção o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, presidente do conselho de ministros declarou que o governo estava no proposito de acceder ao convite formulado n'aquelle documento, e que a representação redigida pela «*Sociedade Litteraria Almeida Garrett*», consubstanciava o sentir da camara e dos seus collegas, achando inutil fazer recahir votação sobre a moção do sr. Conde de Valenças.

Effectivamente, dois mezes depois, o *Diario do Governo* publicava o seguinte decreto, precedido d'um relatorio justificando a sancção do chefe do Estado.

DECRETO

«Attendendo ao que me representou o Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, e

Querendo manifestar por modo solemne o preito devido á memoria, por tantos motivos insigne, do Visconde de Almeida Garrett:

Hei por bem determinar que os seus restos mortaes sejam trasladados para a Egreja de Santa Maria de Belem, no dia 3 de Maio do proximo anno de 1903, e que por esta razão o mesmo dia se considere de festa nacional e de grande gala para todos os effeitos do estylo.

O Presidente do Conselho de Ministros, Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Reino, assim o tenha entendido e faça executar. Paço em 9 de julho de 1902 — Rei — *Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro.*

PROGRAMMA OFFICIAL

A *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, tendo de dar cumprimento ao que determinou o decreto de 9 de julho do anno findo, publicado no «Diario do Governo» de 15 do mesmo mez e anno: — realisar a trasladação dos restos mortaes do grande patriota, escriptor, poeta, dramaturgo e estadista, que se chamou João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, e foi visconde de Almeida Garrett, do jazigo onde elles se acham depositados, no cemiterio dos Prazeres, para a egreja de Santa Maria de Belem: desejando não só honrar aquelle decreto — de sua magestade, como tambem prestar a mais solemne homenagem á veneranda memoria do egregio portuguez de quem tomou o nome, deliberou que para levar a effeito a referida trasladação, se organise um cortejo, no dia 3 de maio proximo, em harmonia com o seguinte programma:

a) As delegações que tenham de assistir á cerimonia da trasladação, reunir-se-hão nos pontos que lhe forem previamente marcados, á hora tambem previamente designada, na Praça do Principe Real e ruas circumjacentes.

b) Organisado, o cortejo desfilará depois pelas ruas da Escola Polytechnica, largo do Rato, rua do Visconde de Santo Ambrosio e rua Saraiva de Carvalho até ao cemiterio dos Prazeres.

c) Junto do cemiterio terá o cortejo a demora necessaria, para que os corpos gerentes da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett* acompanhados pelas respectivas auctoridades, convidados e pessoas de representação, e pelos membros da familia Garrett, que se encontrem em Lisboa, possam ir buscar o feretro e conduzil-o até ao carro destinado a transportal-o para o Pantheon dos Jeronymos.

d) Do jazigo para o carro organisar-se-hão os turnos que forem julgados necessarios para segurarem as borlas do feretro.

e) O cortejo constituir-se-ha pela seguinte fórma:

Abrirá o prestito um piquete de cavallaria, seguindo-se-lhe uma banda de musica.

Grupo 1 — Collegios e escolas particulares, com os seus respectivos estandartes e insignias.

Grupo 2 — Escolas e estabelecimentos officiaes de educação elementar.

Grupo 3 — Institutos commerciaes e industriaes e escolas superiores.

Grupo 4 — Representação da Universidade de Coimbra, Delegação de lentes e alumnos.

Grupo 5 — Associações protectoras e promotoras da instrucção popular.

Grupo 6 — Associações de educação artistica e profissional.

Grupo 7 — Corporações e associações scientificas.

Grupo 8 — Associações e clubs de recreio e do «sport».

Grupo 6 — Associações commerciaes e industriaes.

Grupo 10 — Associações de previdencia, de classe e de soccorro mutuo.

Grupo 11 — Representação de estabelecimentos commerciaes e fabris.

Grupo 12 — Associações e instituições de beneficencia e caridade.

Grupo 13 — Associações e corporações humanitarias, de segurança e de salvação publica, tanto officiaes como particulares.

Grupo 14 — Representação dos minicipios: delegações das camaras municipaes com as suas respectivas bandeiras.

Grupo 15 — Representação do Estado e corporações legislativas e administrativas.

Grupo 16 — Corpo diplomatico e consular.

Grupo 17 — Corporação judicial e auctoridades policiaes.

Grupo 18 — Representação do exercito e da armada.

Grupo 19 — Funccionalismo civil.

Grupo 20 — Associações litterarias e de imprensa.

Grupo 21 — Artistas dramaticos.

Grupo 22 — Escriptores e artistas de todos os generos.

Grupo 23 — Coche ornamentado com o feretro coberto pela bandeira nacional e pela da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett.*

Grupo 24 — Representantes da familia Garrett.

Grupo 25 — Corpos gerentes e socios da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett.*

Banda de musica e força de cavallaria.

N. B. — Os delegados das camaras municipaes do sul acompanham a camara de Lisboa e os das camaras do Norte acompanham a camara municipal do Porto.

Além das duas bandas de musica que vão designadas, serão convenientemente distribuidas por todo o cortejo as restantes bandas e philarmonicas que estão inscriptas.

f) — Chegado o carro com o feretro á egreja de Belem, celebrar-se-ha ali um «*libera me*» a grande instrumental e vozes, sendo depois o feretro collocado no logar que lhe esteja designado.

g) — De todas estas cerimonias será lavrado um auto em duplicado para ficar um dos exemplares no Real Archivo da Torre do Tombo e o outro no Archivo da Sociedade.

h) — Ao ser deposto o feretro no logar que tenha sido determinado as forças militares que competem á cathegoria do finado, darão as descargas da ordenança.

i) — Terminado o serviço religioso, serão pronunciados discursos allusivos á homenagem que vem de ser prestada a Almeida Garrett, e o cortejo dissolver-se ha, retirando as diversas corporações para as suas respectivas sédes.

Excedeu a espectativa geral o numero de adhesões que de todos os lados affluiram ao convite da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*, não só das associações de classe e de soccorro mutuo, como das corporações officiaes e das camaras municipaes de todo o paiz que se fizeram representar no cortejo.

As nossas gravuras representam a sua passagem na rua Saraiva de Carvalho, onde existe a casa onde falleceu o egregio escriptor, a sahida do cemiterio e a sua chegada aos Jeronymos.

Damos tambem um grupo de estudantes, e os parentes de Garrett que se achavam representados pelo sr. dr. Gonçalo d'Almeida Garrett, lente da Universidade, e sobrinho direito de Almeida Garrett, com seus filhos Francisco e Alvaro.

Quando á porta dos Jeronymos a urna foi descida do carro e pousada sobre o descanço o sr. conde de Paçó Vieira, ministro das obras publicas, e o sr. dr. Antonio Cabral, pronunciaram dois brilhantes discursos, sendo tambem um primor de oratoria sagrada o elogio funebre feito do pulpito pelo reverendo padre Francisco Patricio, que accedeu, ainda convalescente, ao convite da «Sociedade» para prestar essa derradeira homenagem ao inspirado poeta da *D. Branca*, a quem Camillo cognominou o maior dos poetas portuguezes.

O AUTO

Quasi finda a cerimonia religiosa, em que officiou o reverendissimo arcebispo bispo da Guarda, os membros do ministerio presentes e os demais convidados, subiram até á capella mór, junto da qual estava a mesa e sobre ella o auto de deposição dos restos mortaes de Almeida Gorrett no Pantheon dos Jeronymos, e assignaram esse documento que é do theor seguinte:

«Aos tres dias do mez de Maio, do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil novecentes e tres, pelas cinco horas da tarde, achando-se reunidos na egreja de Santa Maria de

TRASLADAÇÃO DE ALMEIDA GARRETT PARA O PANTHEON

SAHIDA DO FERETRO DO CEMITERIO OCCIDENTAL

(Photographia do sr. A. Novaes)

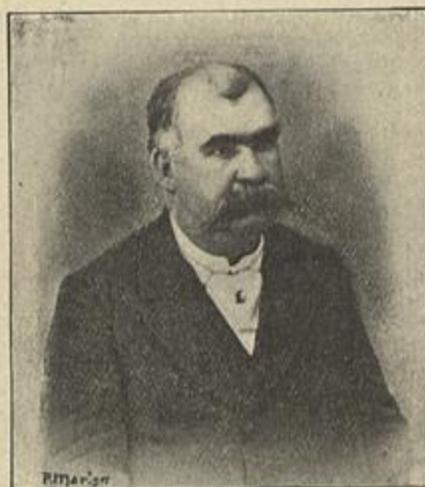
(*) Vide n.º 847, de 1 de Julho de 1902, d'esta Revista, pg. 145 e 146.

Sociedade Litteraria Almeida Garrett

ALBERTO BESSA
SECRETARIO DA DIRECÇÃO

CONDE DE VALENÇAS
PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

SILVA LEAL — THESOUREIRO

GABRIEL PEREIRA
VOGAL

SIMÕES MARGIOCHI
VICE PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

DR. XAVIER DA CUNHA
VOGAL

Trasladação de Almeida Garrett para o Pantheon

O CORTEJO DESFILANDO NA SAHIDA DO CEMITERIO OCCIDENTAL

(Photographias do sr. A. Novaes)

OS PARENTES DE ALMEIDA GARRETT NO CORTEJO

CHEGADA DO FERETRO AO PANTHEON DOS JERONYMOS

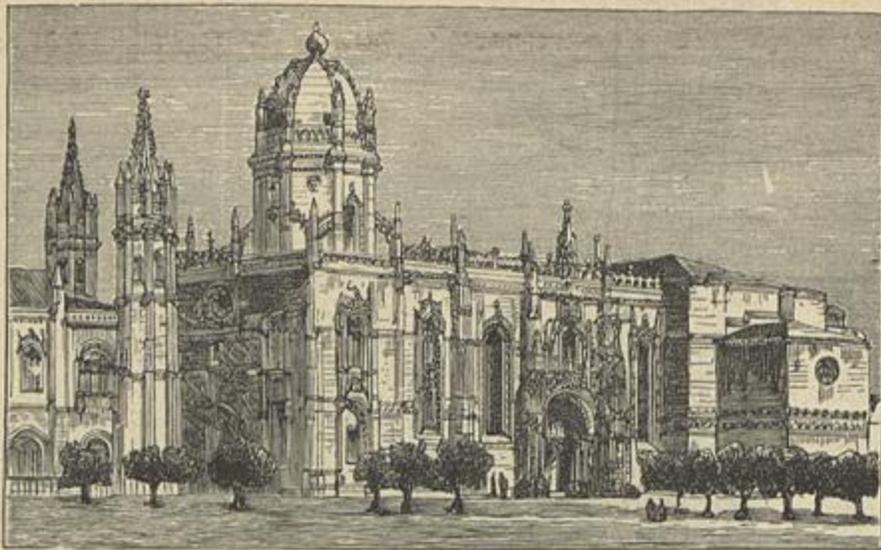
(Photographias do Sr. A. Novaes)

Belem, d'esta cidade de Lisboa, os representantes de El-Rei, do governo e das camaras legislativas; delegações e representantes de quasi todas as camaras municipaes do continente, ilhas e ultramar; delagações e representantes de quasi todas as escolas e estabelecimentos de instrucção primaria, secundaria e superior, bem como diversos representantes das auctoridades civis, militares e ecclesiasticas e os membros dos corpos gerentes da *Sociedade Litteraria Almeida Garrett*; entidades e corporações que, do cemiterio dos Prazeres, acompanharam, em imponente e magestoso cortejo, até esta egreja, os restos mortaes do insigne escriptor portuguez, que se chamou João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett e foi Visconde de Almeida Garrett, que n'aquelle cemiterio se achavam depositados, no jazigo de numero quatrocentos e cincoenta e cinco, pertencente aos herdeiros de D. Pedro Pimentel de Brito do Rio, em uma urna de mogno com oito argolas prateadas e tendo, no tampo, uma cruz

A RUA DE SANT'ANNA, NO PORTO

(Copia de uma aguarella do sr. Manuel de Macedo)

O NICHO DE SANT'ANNA, ESTADO ACTUAL

(Copia de uma photographia)

O MOSTEIRO DOS JERONYMOS

de pau preto, com uma imagem de Christo, tambem em metal prateado, como tudo consta do auto de reconhecimento e encerramento do feretro d'aquelle illustre morto, auto que foi lavrado e assignado aos desoito do mez de Abril d'este mesmo anno, na secretaria da administração do já referido cemiterio; por todas estas corporações e entidades foi visto que a referida urna, que encerra os preciosos despojos de quem tão grande se affirmou pelos seus talentos e virtudes, sempre dedicadamente postos ao serviço da Patria e da Liberdade, foi confiada á guarda do reverendo prior d'esta egreja de Santa Maria de Belem e ficou depositada na capella chamada do Cardeal-Rei, ao lado esquerdo de quem entra na egreja pela porta principal, capella que fica no arco cruzeiro, fronteira áquella onde estão os tumulos de Camões e de Vasco da Gama; isto depois de se ter cantado um *Libera-me* a grande instrumental e vozes, e de ter sido proferido o elogio funebre de Almeida Garrett pelo reverendo padre e prégador régio, Francisco José Patricio, tudo realisado perante numerosa e selecta concorrencia; e porque de tudo isto dão fé e testemunham que a referida urna fica na já mencionada capella aguardando que se conclua o respectivo tumulo que ha-de encerral-a n'este Pantheon, para exacto e integral cumprimento do decreto de nove de Julho do anno de mil novecentes e dois, todos vão assignar este auto em duplicado, que foi lido, em voz alta, pelo secretario do conselho director da *Sociedade Litteraria «Almeida Garrett*, promotora de uma tal homenagem e de que um dos exemplares ficará depositado no Real Archivo da Torre do Tombo, archivando-se o outro na secretaria da mencionada Sociedade Litteraria «Almeida Garrett», com séde na cidade de Lisboa.

Egreja de Santa Maria de Belem (Pantheon dos Jeronymos) aos tres dias do mez de Maio do anno de mil novecentes e tres, pelas sete horas da tarde.»

COMMEMORAÇÕES

No Conservatorio

Em homenagem a Almeida Garrett realisou-se no Conservatorio Real de Lisboa uma sessão solemne organisada pelo distincto director d'aquelle estabelecimento, Eduardo Schwalbach.

A sessão constou de parte dramatica e musical e ao abril-a o sr. Alberto Pimentel, como membro do conselho dramatico, enalteceu a memoria de Garrett, passando em revista as multiplas aptidões de actividade do grande vulto a que a nação naquelle dia prestava homenagem.

Referiu-se á sua obra de reformador pela creação d'aquelle mesmo conservatorio, com as suas escolas de declamação, musica e dança, e d'um theatro normal, destinado a intervir efficazmente no modo de ser da nossa nacionalidade.

Em seguida o sr. José Simões Coelho recitou a poesia do sr. conde de Mesquita, de preito a Garrett e os alumnos srs. Silvestre Alagarim, Araujo Pereira e D. Etelvina Serra disseram versos de Garrett.

A parte musical foi preenchida pela orchestra composta de todos os artistas, amadores e alumnos do Conservatorio, sob a direcção do maestro D. Andrés Goñi, que executou o preludio da opera *Frei Luiz de Souza*, partitura modelar do maestro Freitas Gazul, e acompanhou a romanza da mesma opera, cantada magistralmente pela sr.ª D. Izaura Callado Nunes, ex-alumna do Conservatorio. O sr. Julio Camara cantou com acompanhamento de piano, uma *Barcarola* sobre versos de Garrett, musica original do compositor Thomaz Borba. A fechar o programma foi executado por vinte alumnos dos cursos de canto do mesmo conservatorio, o magnifico côro *Estrella* de Vianna da Motta.

A' sessão, que terminou depois da 1 e meia da tarde tendo começado uma hora antes, assistiram, além do sr. Hintze Ribeiro, presidente do conselho, muitas pessoas da nossa sociedade mais escolhida e selecta.

No Atheneu Commercial

Tambem aqui se prestou homenagem ao grande escriptor realisando-se uma conferencia do erudito publicista e professor sr. dr. Theophilo Braga, sobre Garrett, que teve uma concorrencia numerosa, sendo o conferente muito applaudido em diversas passagens da sua douta prelecção.

Recita de gala

Para fechar com chave de ouro a serie de festejos em honra de Almeida Garrett collaborou a sociedade artistica do theatro de D. Maria, ensaiando para essa noite, o mimoso dialogo em verso *O Poeta e a Saudade*, magistral e expressamente escripto pelo nosso talentoso amigo e director litterario sr. D. João da Camara, e o auto de *Ignez Pereira*, de Gil Vicente, adaptado á scena moderna pelo sr. Marcellino de Mesquita; recitando Fernando Maia o canto V de Camões; a actriz Augusta Cordeiro *O Destino*; Beatriz Rente *Os olhos negros*; Luiz Pinto, fragmentos das *Viagens na minha terra*; e Cecilia Machado *As minhas azas*.

A vasta sala de D. Maria achava-se completamente cheia, assistindo á recita de galla SS. MM. El-rei D. Carlos e a Sr.ª D. Maria Pia, acompanhados pelos srs. marquez de Alvito, duque de Loulé e marqueza de Bellas.

A RUA DE SANT'ANNA, NO PORTO

A rua de Sant'Anna é uma das que se encontram ainda no velho bairro do Porto, e que desemboca na rua da Ferraria.

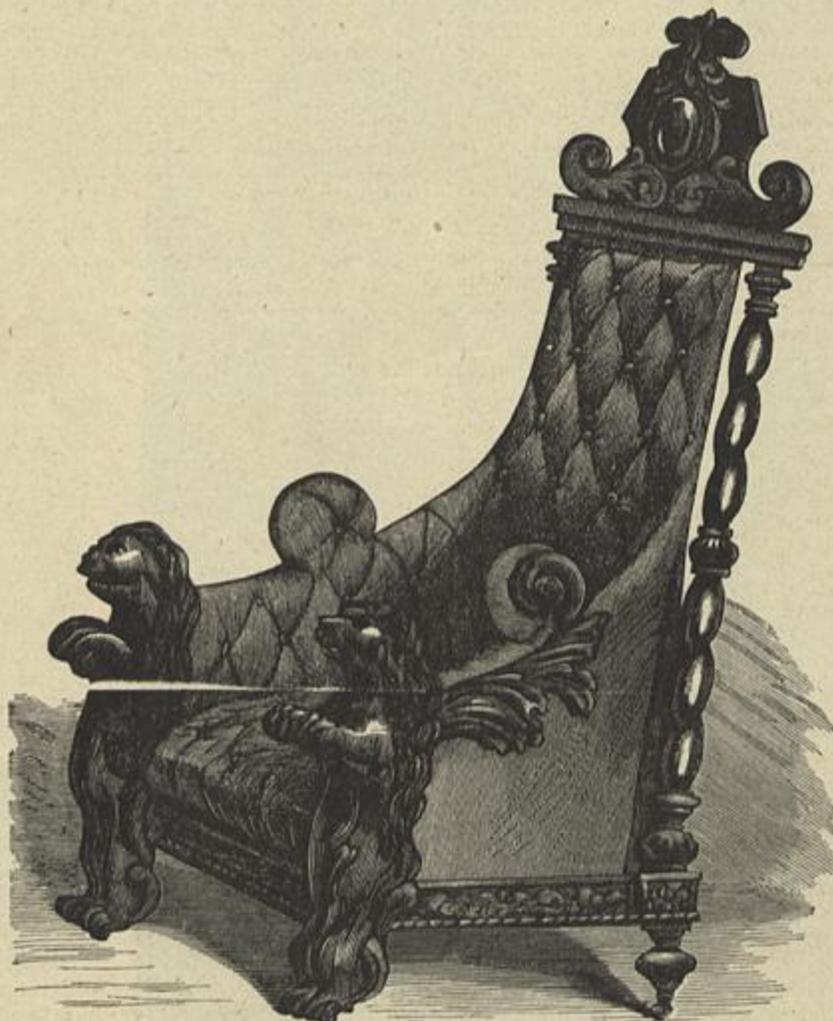
Existiu ali um arco, que ha muitos annos foi demolido e junto a esse arco havia um nicho de Sant'Anna, que ainda hoje se vê como o representa a nossa gravura.

Almeida Garrett deu celebridade a esta rua porque d'ella fez o theatro da principal acção do seu romance *O Arco de Sant'Anna*.

É ali que elle desenha as amoraveis figuras da Gertrudinhas, da Anninhas e de Vasco, assim como traçou o quadro vibrante do motim popular contra o bispo e o seu almudoeiro, pelo rapto da Anninhas.

A CADEIRA DE GARRETT

Esta cadeira é um dos moveis mais estimaveis que pertenceram ao poeta, era a sua cadeira de trabalho e n'ella quasi que falleceu, pois ali principiou sua agonia.

Garrett, que tinha o verdadeiro culto da arte, foi dos primeiros que em nosso paiz principiou a

A CADEIRA DE GARRETT

dar valor ao mobiliario antigo e a reunir em sua casa bons exemplares das epocas mais graciosas, conseguindo guarnecer sua habitação com moveis de pau santo de estimavel valor artistico, comprando uns completos e outros mutilados que mandava restaurar sob sua direcção.

Era assim que no seu gabinete de trabalho se viam quatro bellas estantes de pau santo, para livros, com artistica obra de talha, graciosos contadores e uma grande mesa onde se via escrevaninha de prata, com ambula para Santos Oleos e que pertencera ao tio e educador de Garrett, D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia.

Em frente d'esta mesa estava uma cadeira de pau santo, entalhada e forrada de damasco vermelho.

Era a cadeira do poeta e que a nossa gravura representa.

Esta cadeira pertencera ao abbade do convento de S. Bento, e foi comprada com parte da talha do coro da egreja, por Garrett, tendo-se servido d'ella durante dezoito annos.

Por morte de Almeida Garrett foi vendida a maior parte da mobilia da casa do poeta e El-Rei D. Fernando, entre outros moveis comprou esta cadeira, de que mais tarde, em 1875, fez presente a Gomes de Amorim, um dos maiores e mais devotados amigos de Garrett, o que lhe assistiu aos seus ultimos momentos e recolheu as suas ultimas palavras: *já o não vejo.*

UMA CARTA DE GARRETT

Devemos á extrema amabilidade do Ex.mo Sr. Dr. Gonçalo d'Almeida Garrett, lente da Universidade de Coimbra, o *fac-simile* de uma carta do poeta a seu irmão Alexandre José da Silva de Almeida Garrett, actual possuidor da dita carta, e que por absoluta falta de espaço não podemos publicar n'este numero. Dal-a-hemos no numero seguinte.

E' documento apreciavel pelo conceito que, em suas poucas linhas, encerra, e revelador da grande alma de quem a escreveu.

GARRETT E A ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

Ardua e improba tarefa me impuz e no seu primeiro aspecto inattingivel Falar de Almeida Garrett, cuja vida, merecimentos e obras se acham largamente estudados e commentados pelos mais sapientes e eruditos criticos da arte e das lettras, seria na verdade commettimento ousado.

Não trato porém, agora de elaborar, nem siquer n'um rapido esboço de respeitoso culto, o elogio do homem cujo nome e cujas encyclopedicas aptidões geniaes constituem um periodo de notavel revolução e iniciação na historia da poesia, do romance, do drama, da comedia, da critica, da oratoria, da pedagogia, emfim de todas as manifestações do pensamento humano.

É certo comtudo, e assim o reconheci com magua que de todas as feições egualmente sublimes d'este espirito brilhante, no qual as faculdades creadoras se emparceiravam com o mais profundo, radicado e enthusiastico amor pelo torrão patrio e pelas patrias glorias, pelos nossos costumes e pelas nossas tradições, uma tendencia houve, que mais deslembrada ficou dos seus biographos. Enaltece-se o poeta, glorifica-se o prosador sem rival, celebra-se o creador do theatro e da litteratura ligeira de critica e de costumes, fala-se do orador, do parlamentar e do politico, cita-se a sua proverbial elegancia e aprimorados usos cortezãos, louva-se o calor com que sempre pugnou pelas grandes glorias nacionaes, admira-se o cantor do *Camões*, e o auctor das *Viagens* Sómente, talvez por ser uma qualidade ainda mal apreciada da maioria n'este paiz, se esqueceram as suas eminentes tendencias e o seu gosto pronunciado, como artista que era, pelos estudos archeologicos, pela conservação dos nossos monumentos, pelo estudo da nossa historia artistica. Poeta de raça, artista de coração, Garrett manifestou sempre, nas suas obras immorredouras, a influencia profunda, a magia indizivel que sobre elle exerciam as ruinas dos velhos monumentos entresachadas pelas ramarias floridas do arvoredo, ou envolvidas e deslocadas pelos troncos cordiformes da hera verdejante. Vê-se, atravez dos versos e da prosa do vernaculo e elegante escriptor, a paixão, a melancholia intensa, o vago e indeciso scismar, que nelle produziam as altas arcarias dos templos ogivaes, as abobadas de formosissimas curvas, os artezoados floridos ou singelos, os cruzeiros simples, os claustros sombrios, as arcadas, as viellas estreitas, os quebra-costas, as barbacans, arcos e postigos das velhas cidades medievaes e mouriscas.

Naquelle espirito lucidissimo do poeta, estas maravilhosas obras das passadas gerações de artistas, causavam um enlevo egual em respeitosa adoração, como só a sabe ter o archeologo culto, ao influxo da bella natureza. O cantor das frondosas paizagens da bella Cintra era simultaneamente um apaixonado amador das trovas e cantos populares, tradição poetica das gerações passadas, e um devotado propugnador da conservação dos documentos de pedra, que a piedade das velhas gerações deixou, custosamente insculpidos e lavrados pelo escopro do mesteiral, como herança preciosa ás gerações vindouras.

Ninguem como Garrett soube verberar, de latego erguido, os vergonhosos vandalismos, e, como ainda ha pouco fazia a honra de m'o dizer a nossa illustre Soberana (que do alto do throno tanta dedicação intelligente e apaixonada tem manifestado pelas bellezas artisticas e archeologicas) as barbaridades inauditas com que inscientes corporações e individuos teem feito desapparecer, sob o camartello demolidor, ou maculado com torpes pseudo-restaurações, os mais bellos, mais preciosos, mais originaes dos nossos monumentos artisticos e historicos.

Da famosa trilogia litteraria, que marcou o periodo notabilissimo do primeiro quartel do seculo XIX, promovendo o renascimento das lettras patrias e o inicio glorioso dos estudos historicos, da poesia hodierna, do drama, da educação pedagogica da infancia, da arte e da archeologia, nenhum dos tres nomes, que o povo portuguez reconhecido não sabe desprender nem desligar, desde as mais sabias academias até ao mais humilde e incipiente ledor, nenhum dos tres, dizia, Herculano, Garrett ou Castilho, foi extranho á corrente de que derivou a archeologia historica portugueza.

De Herculano, nem é preciso falar, a comprovar este asserto. O eminente archivista da Ajuda, que passou boa parte dos seus dias a extrahir, lettra a lettra, dos poeirentos, carcomidos perganinhos, a verdade immaculada das nossas primicias historicas; o audaz batalhador que lançou as bases da assombrosa publicação *Portugalia monumenta historica*, cuja interrupção causa pasmo e dôr aos extrangeiros estudiosos; o Pai da historia portugueza, que achou condigno continuador em Gama Barros, nada precisa que se diga delle, para ser, na mais adversa opinião, tido sem favor, como um dos homens a quem mais devem em Portugal os estudos historicos e archeologicos. Diga-o bem alto o *Panorama*, eschola onde se crearam aquelles que nós hoje temos por iniciadores e principaes promotores de taes estudos. Os honrados e perseverantes fundadores da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, que tão altos serviços tem prestado ao paiz, digam-o sem reservas porque é uma verdade incontestavel, esses venerandos fundadores, cujo nome inda hoje cobre de prestigio o instituto scientifico, crearam se sob o influxo d'aquella eschola, onde se lançaram as primeiras bases de estudos d'esta indole.

3 de maio de 1903

Victor Ribeiro.

O MEZ METEOROLOGICO

Abril 1903

Barometro: Altura maxima, em 4, 767,mm3
» » minima em 22 751,4
Thermometro Altura maxima em 9 26,º 6
» » minima em 24 e 25 9,o3

O tempo conservou se quente até 18, com maximos elevados — os dias de maior calor foram: em 6 (25,º6) em 8 e 10 (26,º3) em 11 (24,º7) em 12 e 14 (23,º0). Tempo desegual e bastante frio, para a estação, a partir de 18, com maximos muito fracos (em 22 Max. 13,º5).

Vento dominante:
Em 1 e 2 *N* de 3 a 18 *NE.*
Em 19 *S*, em 20 *N*, de 21 a 30, d'entre *NW* e *SW.*

Chuvas de 21 a 25 e de 27 a 30.
Dois dias de chuva notavel, em 21 (21mm6) e 25 (11mm0)

Céu Bom tempo 13 dias. Nublado 16 dias. Encoberto 1 dia.
Relampagos em 17 e 29 *Halo do Sol* em 1 e 29
Nevoa em 1 e 14

NECROLOGIA

CONDE DE FICALHO

A morte d'este estimado titular que gosava d'um grande prestigio no mundo official pela sua vasta illustração e grandes conhecimentos scientificos, causou um profundo desgosto no meio aristocratico que o contava como um dos seus mais distinctos e bellos ornamentos.

Representante de uma das familias mais illustres da nossa aristocracia o conde de Ficalho impunha se pelo seu trato finissimo e distincto que o caracterisava em qualquer meio que se encontrasse, o homem da nossa melhor sociedade.

A sua conversação animada e fluente erudita entre os eruditos, mas sempre facil, correcta, e ate pittoresca por vezes, quando a proposito a cortava com as suas encantadoras anedoctas, era uma verdadeira attracção dos que com elle privavam, sendo notada a sua falta, quando por qualquer impedimento motivado pela doença ou pelas suas missões officiaes, não podia comparecer nas reuniões da alta sociedade aristocratica.

Francisco Manuel de Mello, conde de Ficalho, era natural de Lisboa e filho do respeitavel marquez do mesmo titulo, que por muitos annos foi mordomo-mór da casa real, tendo occupado o logar de ajudante de campo de D. Pedro IV e de camarista de Suas Magestades D. Pedro V e D. Luiz.

Morreu com 66 annos incompletos, tendo nascido a 27 de julho de 1837.

Matriculando-se na Polytechnica em 1855 foi dos estudantes mais distinctos e premiados, concluindo brilhantemente o curso em 15 de julho de 1860.

No concurso aberto n'esse anno para o preenchimento da vaga de lente substituto da cadeira de botanica, da mesma escola, deu tão exhuberantes provas do seu grande valor intellectual e dos seus profundos conhecimentos scientificos sobre a especialidade d'aquella cadeira, que, por decreto de 3 de janeiro de 1861, era nomeado para aquelle logar, tendo tido, aliás, outros competidores de subido merecimento.

Por morte do conselheiro João de Andrade Corvo ficou regendo a cadeira de botanica, sendo investido da sua posse por decreto de 27 de janeiro de 1890.

Tendo fallecido seu pae tomou assento na camara dos pares como seu successor, sendo em abril de 1896 nomeado para exercer uma commissão especial do governo portuguez na Russia.

Alem d'esta missão diplomatica exerceu outras, demonstrando ser homem activo e trabalhador, não se preoccupando com a sua nobliarchia quando se tratava de se atirar aos trabalhos mais arduos.

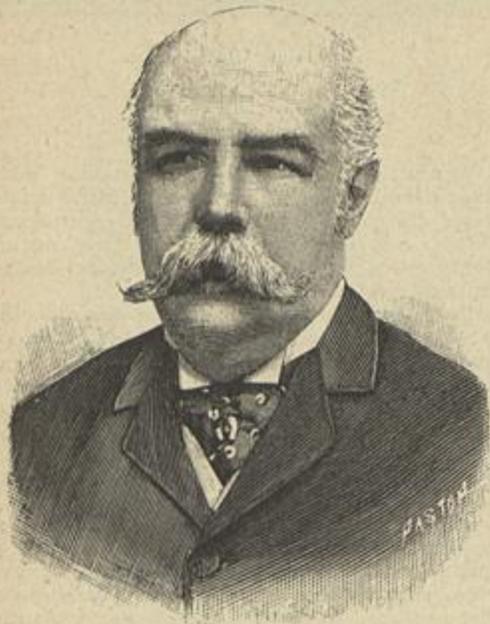
Era actualmente alem de lente cathedratico de Botanica na Escola Polytechnica e membro da camara alta, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, e da Sociedade de Geographia, alferes dos extinctos batalhões nacionaes, gran cruz da ordem de Carlos III, membro da Legião de Honra e de diversas ordens nacionaes e estrangeiras, camarista de El Rei o Senhor D. Carlos, conselheiro de Estado effectivo etc.

Em differentes situações o seu nome chegara a ser indigitado para ministro dos negocios estrangeiros.

Collaborou em diversas publicações litterarias e scientificas entre as quaes deixou disseminados muitos artigos primorosos; commentou eruditamente Garcia da Horta nos «*Colloquios dos simples e drogas e coisas medicinaes da India*»; foi auctor d'um magnifico trabalho *Flora dos Luziadas*, por occasião do tricentenario de Luiz de Camões; da monographia historica *Viagens de Pedro da Covilhan* e de muitos outros trabalhos litterarios, sendo os ultimos publicados na revista *A Tradição*, de Serpa, sob os titulos *Serpa sob o dominio dos sarracenos* e *Influencias mosarabes na linguagem dos pastores alemtejanos.*

ERNESTO DA SILVA

A todos surprehendeu a morte d'este rapaz, na flor da idade, cheio de talento, ainda que um pouco envelhecido já pelas desillusões da vida, que levam cedo ao tumulo no amargor de successivas contrariedades aquelle que combate por um ideal e tem a hombridade, o brio, a coragem de por elle se sacrificar.

Acerrimo propagandista do movimento associativo, evidenciou-se como orador pela paixão arrebatadora dos seus discursos em defeza das classes que trabalham, das classes productivas, e cujo

CONDE DE FICALHO.
FALLECIDO EM 19 D'ABRIL

futuro tão indicifravel é sempre, mesmo para aquelles que a sorte mais favorece.

Com pouco mais de 30 annos Ernesto da Silva mostrava-se lutador tenaz, procurando salvar por sobre os preconceitos sociaes que a todo o momento lhe queriam tolher o passo, creando ao redor d'elle as intriguinhas dos invejosos do seu florescente talento e as ironias dos que não commungavam nas mesmas doutrinas e lhe chamavam um utopista.

Na imprensa e no theatro deixou Ernesto da Silva affirmados os grandes dotes de talento que os insensatos e os maus não lhe poderam arrancar, e que elle levou para o tumulo cioso d'aquelle thesouro com que a natureza o havia dotado, tornando-o o valioso e intelligente elemento do partido em que o seu nome alcançou a merecida reputação de que gosava.

Revisor da Imprensa Nacional, onde deixou amigos em todos os collegas, era essa a sua occupação official, d'onde tirava os proventos para sua alimentação e da mulher e dos filhinhos, d'esses tres entes que elle tanto amava e que deixou orfanados dos seus carinhos de marido e de pae.

Nas horas que lhe ficavam dedicava-se aos seus estudos litterarios, tendo feito parte da redacção do *Mundo* e deixando muitos artigos de propaganda socialista disseminados na *Vanguarda*, na *Federação* e na *Obra*, e em muitos outros jornaes.

No theatro do Principe Real fez representar o drama em 4 actos *O Capital*, que obteve o mais merecido triumpho; *Os que trabalham*, outro drama em 4 actos, tambem recebido com geraes manifestações de agrado; dando-nos ha pouco ainda, na festa artistica da actriz Adelaide Coutinho, no theatro do Gymnasio, o drama em 3 actos *A Victima*, um trabalho de psychologia social, de fina observação e notavel criterio.

Deixa alem d'isto varias traducções do francez e trabalhos n'outro genero de litteratura, no que se mostra a anciedade com que elle procurava evidenciar-se, digna ambição d'um espirito superior como o d'elle, e que a morte até apagou de chofre para que a invalidez da doença não viesse um dia paralysar-lhe aquellas notaveis aptidões de trabalho.

Ernesto da Silva falleceu no dia 25 do mez findo, n'uma das officinas typographicas da Imprensa Nacional, nos braços de dois extremosos amigos que lhe receberam o seu ultimo suspiro, surprehendidos por tão inesperado e profundo golpe.

ERNESTO DA SILVA
FALLECIDO EM 25 D'ABRIL